

## **BATUCANTADA: PEDAGOGIA, CULTURA POPULAR E PROTAGONISMO FEMININO NA PERCUSSÃO.**

MAÍRA GONÇALVES COELHO<sup>1</sup>; DENISE MARCOS BUSSOLETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [mairagoncalvesc@gmail.com](mailto:mairagoncalvesc@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho discute o protagonismo feminino na percussão na cidade de Pelotas. A partir da experiência no coletivo Batucantada e enquanto bolsista do Programa de Educação Tutorial PET Fronteiras: Práticas e Saberes Populares da Universidade Federal de Pelotas, a autora faz o atravessamento entre os dois espaços. Criada em 2022, a Batucantada é formada majoritariamente por mulheres cis que, por meio da música, constroem um espaço de resistência, aprendizado e celebração da cultura popular. A percussão brasileira historicamente foi marcada pela presença masculina, sobretudo em espaços como as baterias de escolas de samba e blocos carnavalescos. Romper com essa lógica é, portanto, um gesto político e pedagógico. Como afirma GONZALEZ (2020), a cultura negra é ato de resistência que produz novas formas de existir e reinventar o cotidiano. Nesse sentido, a Batucantada inscreve as vozes e os corpos das mulheres nos tambores, tensionando desigualdades de gênero e produzindo novos horizontes de liberdade.

Ao longo de três anos, o coletivo realizou carnavais e festejos como o “Arraiá da Batu”, articulando repertórios que vão do samba ao maracatu, do ijexá ao baião. Esses eventos não são apenas apresentações artísticas, mas práticas de formação coletiva onde mulheres ocupam espaços públicos e reafirmam sua presença na cultura. Um marco importante nesse processo é a “Femenagem”, criada em 2025, que substitui a ideia de “homenagem” para valorizar trajetórias de mulheres e questionar a centralidade masculina nas narrativas culturais. O PET Fronteiras fortalece essas práticas ao propor um diálogo entre universidade e comunidade, valorizando a educação popular e os saberes ancestrais. Juntas, Batucantada e PET constroem uma pedagogia que tem na música um instrumento de formação e resistência, enraizada em experiências femininas.

### **2. METODOLOGIA**

O trabalho é uma pesquisa-ação, desenvolvido a partir da participação direta da autora nas atividades do coletivo Batucantada, em diálogo com o Programa de Educação Tutorial PET Fronteiras: Práticas e Saberes Populares. O registro das experiências foi realizado por meio de observação ativa, registros fotográficos, além de rodas de conversa entre as integrantes. Essa escolha metodológica privilegia a escuta das narrativas das mulheres envolvidas e a análise do processo formativo vivido em comunidade. A Batucantada organiza-se em torno da roda e do tambor, valorizando uma aprendizagem coletiva e horizontal. Nas oficinas, o ensino não se restringe à técnica dos instrumentos:

cada ritmo é acompanhado de sua contextualização histórica e social. Ao aprender samba-reggae, por exemplo, discute-se sua origem ligada à luta da população negra na Bahia; no maracatu, são abordadas as memórias da diáspora africana e suas conexões com a religiosidade. Dessa forma, a prática musical é inseparável do seu significado cultural e político.

A “Femenagem” integra essa metodologia como gesto político-pedagógico, ao deslocar a centralidade masculina e reconhecer as contribuições de mulheres de Pelotas e de diferentes tradições culturais. Essa prática é inspirada no feminismo negro, conforme apontam CARNEIRO (2003) e COLLINS (2019), que entendem a música e a cultura como espaços de reexistência. Nesse sentido, tocar é também inscrever as próprias histórias em um campo que antes lhes era negado. Como destaca EVARISTO (2019), as experiências femininas negras carregam “escrevivências” – saberes produzidos na vida cotidiana – que, neste contexto, convertem-se em “tocavivências”, inscritas nos tambores e nas rodas. O acompanhamento do PET Fronteiras fortalece esse processo ao articular a prática musical com a educação popular. Como lembra hooks (2017), educar é uma prática de liberdade, e, no caso da Batucantada, cada ensaio e cada roda se tornam espaços de construção coletiva do saber. Esse entendimento também dialoga com RUFINO (2021), ao afirmar que o aprendizado se dá de forma horizontal, reencantando o mundo pela prática do encontro.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS.**

A presença da Batucantada em Pelotas transformou não apenas a cena cultural da cidade, mas também a vida das mulheres envolvidas. Ao romper com o predomínio masculino na percussão, o coletivo afirma que os tambores também são território feminino, abrindo espaço para que mulheres se reconheçam como protagonistas na música popular. As integrantes relatam ganhos de autoconfiança, pertencimento e fortalecimento de vínculos comunitários. O aprendizado coletivo, a partilha de narrativas pessoais e o reconhecimento mútuo produzem uma rede de apoio que ultrapassa a música. Essa perspectiva encontra eco na pesquisa de SOUZA (2025), que, ao narrar a experiência do Coletivo Batucantada, evidencia a roda percussiva como espaço de produção de conhecimento, pertencimento e resistência, onde a pele do tambor se torna meio de reflexão e memória. A dissertação mostra que a percussão, quando vivida pelas mulheres, é também uma escrita feminina fluida, coletiva e insurgente que tensiona formas acadêmicas tradicionais e amplia as possibilidades de escuta e criação no campo da educação..

Na cena cultural, a Batucantada se consolidou como espaço de visibilidade feminina, com apresentações que se tornaram marcos no calendário local, como os carnavais e arraiás. A Femenagem, por sua vez, constitui uma prática simbólica de insurgência, ao celebrar mulheres que a história oficial muitas vezes silenciou. Esse gesto linguístico e político desloca a centralidade do homem e reafirma que, como aponta CARNEIRO (2003), enegrecer e feminilizar as narrativas é condição para a justiça epistêmica. Assim, os impactos da

Batucantada se multiplicam: no corpo das mulheres que tocam, no público que assiste, na cidade que passa a escutar vozes e batidas antes invisibilizadas

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A prática da Batucantada mostra que a música, quando cultivada em roda e experienciada coletivamente, é capaz de produzir emancipação social e cultural. O protagonismo feminino na percussão rompe barreiras históricas e inaugura novas centralidades, em que as mulheres se afirmam como legítimas produtoras de cultura e conhecimento. Cada ensaio, cada apresentação e cada “Femenagem” constituem não apenas eventos artísticos, mas também atos de resistência. Conclui-se, portanto, que a Batucantada não é apenas um grupo de percussão, mas um movimento pedagógico e político, no qual a música se torna linguagem de liberdade. Ao inscrever as mulheres nos tambores, o coletivo cria um território de resistência e memória, reafirmando que o ritmo é resistência e que a educação popular pulsa no compasso das mãos femininas. Por meio do PET Fronteiras foi possível atravessar a comunidade com a universidade, realizando pesquisas e ações fundamentadas nas mesmas pedagogias que orientam o grupo Batucantada. Essas pedagogias dão visibilidade as práticas e saberes populares quebrando a hierarquia branca cis e masculina presente no mundo acadêmico. Além disso, a continuidade do coletivo Batucantada aponta para a importância de práticas culturais que se mantêm vivas pela força da coletividade e pela transmissão de saberes entre gerações. A Batucantada, nesse sentido, não é apenas um projeto pontual, mas um espaço em constante reinvenção, que se nutre das experiências individuais e das lutas coletivas. O fortalecimento das mulheres na percussão também projeta novos horizontes para a cidade de Pelotas, ao consolidar políticas culturais de base comunitária e afirmar a potência dos saberes populares como patrimônio imaterial. Nesse caminho, a Batucantada reafirma que tocar é existir, resistir e criar futuros possíveis, em que a cultura popular se inscreve como fonte de dignidade e transformação social.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina*. São Paulo: Geledés, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências: identidade, corpo e política*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Elefante, 2017.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021. Pyralidae). *Journal of Stored Product Research*, Amsterdam, v.37, n.1, p.153-164, 2001.

SOUZA, Vanessa Ramos de Oliveira. *Batucada: Narrativas de mulheres ritmando resistência*. 2025. 280f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.